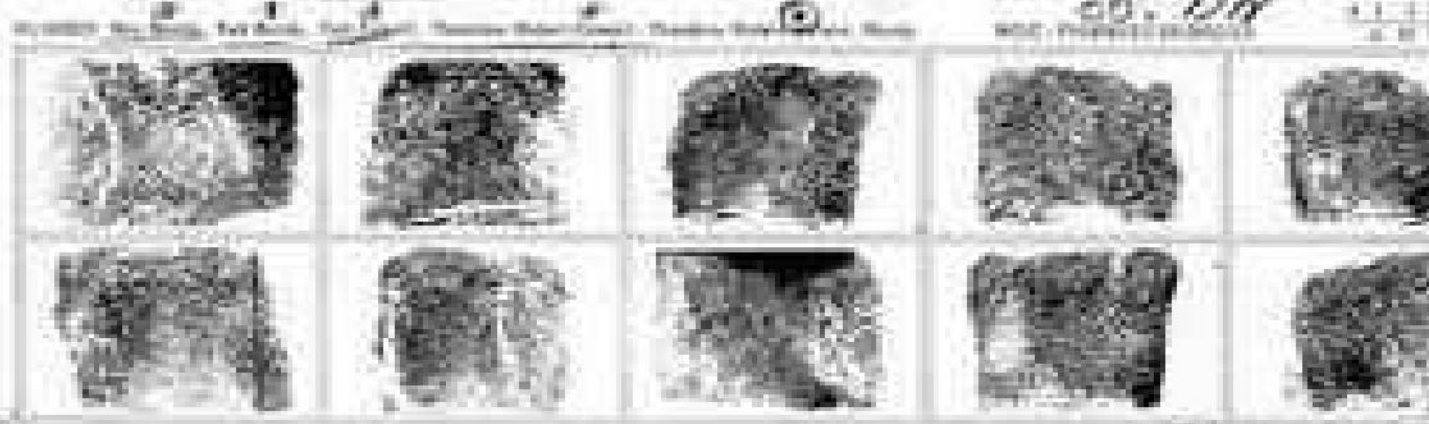


# TED ANN RULE PROFILE

# BUNNDY

Um Estranho ao Meu Lado  
**THEODORE ROBERT BUNNDY**



«Stranger beside me»



**DESCRIPTION**  
DOB: 11/11/44, ...  
SEX: M  
HAIR: BRN  
EYES: BRN  
HT: 5'10"  
WT: 170 lbs  
BUILD: SLIM  
COMPLEXION: FAIR  
SCARS: ...  
TATTOOS: ...  
USA ...  
**CRIMINAL RECORD**  
...  
**CAUTION**  
...

~~DARKSIDE~~



*#DARKSIDEBOOKS*

## **AGRADECIMENTOS**

Tive a sorte de contar com o apoio de muitas pessoas e organizações para escrever este livro. Sem a sua ajuda e apoio emocional, teria sido impossível, e gostaria de agradecer a eles: O Comitê de Amigos e Familiares de Vítimas de Crimes Violentos e Pessoas Desaparecidas; Unidade de Crimes Contra Pessoas do Departamento de Polícia de Seattle. Unidade de Crimes Graves do Departamento de Polícia de King County; ex-xerife Don Redmond do condado de Thurston. Tenente James Stovall do Departamento de Polícia de Salem, Oregon. Gene Miller, do Miami Herald . George Thurston do Washington Post , Tony Polk do Rocky Mountain News. Rick Barry, do Tampa Tribune. Albert Govoni, editor da True Detective.

Jack Olsen. Yvonne EW Smith. Amelia Mills. Maureen e Bill Woodcock. Dr.

Peter J. Modde. E meus filhos, Laura, Leslie, Andy e Mike, que desistiram meses da companhia da mãe para que eu pudesse escrever.

E o tortura agora mais, quanto mais ele vê

De prazer não ordenado para ele: então logo

O ódio feroz que ele lembra, e todos os seus pensamentos  
De travessura, gratificante, assim excita:

“Pensamentos, para onde me levastes? com que doce

Compulsão assim transportada para esquecer

O que aqui nos trouxe? ódio, não amor, nem esperança

Do Paraíso para o Inferno, espero aqui provar

De prazer, mas todo prazer para destruir,  
Salve o que está destruindo. outra alegria  
Para mim está perdido. ... ”

Paradise Lost : Livro IX

(Linhas 469-79)

## **PARTE UM: O CAPÍTULO FINAL? 2008**

Nunca esperei escrever sobre Theodore Robert Bundy novamente. O

homem que não era famoso nem infame quando o conheci, trinta e sete anos atrás, está morto há vinte anos e, ainda assim, as novas gerações estão intrigadas com ele. Escrevi um epílogo, um posfácio, “O último capítulo” e

“Atualização: vinte anos depois” para *The Stranger Beside Me*, meu primeiro livro publicado, mas a história de Ted parece nunca ter fim.

Provavelmente continuarei a adicionar conteúdo a este livro nos próximos anos.

Algumas das informações que acrescentei ao meu livro original revelaram-se falsas - contos populares e rumores em que a maioria dos especialistas em Bundy acreditava - e quero corrigi-los. O único carrasco que puxou para baixo o braço que ativava a cadeira elétrica em Starke, Flórida, não usava máscara, nem tinha cílios grossos com rímel. Isso fazia parte da lenda de Ted.

Nesta nova seção, tenho as palavras de uma testemunha ocular da morte de Ted Bundy, e ele apagará todos os equívocos.

Novas informações sobre Ted continuam surgindo. E suas “quase vítimas”

continuam avançando. Parte de mim quer dar as costas e acabar com as memórias de Ted. Admito que até adiei a escrita deste capítulo. O

motivo?

Ted Bundy ainda me assombra.

Se sua luta desesperada para salvar a própria vida depois de tirar tantos outros tivesse sido bem-sucedida e Ted ainda estivesse preso atrás das grades, ele seria um veterano lá agora - sessenta e dois anos. Minha neta está agora com a idade que eu tinha quando conheci Ted, e sou uma bisavó.

A filha de Ted com sua então esposa, Carol Ann Boone, tem vinte e seis anos. O filho de Meg Anders, que via Ted como uma figura paterna, está perto dos quarenta.

As jovens que Ted matou estariam na casa dos cinquenta anos. Aquelas miríades de vítimas potenciais que mal escaparam dele com vida estão entre cinquenta e sessenta hoje. Ninguém jamais saberá quantos eram.

O mundo segue inexoravelmente sem Ted Bundy. Mas ele deixou para trás tantas cicatrizes, pesadelos e memórias que não podem ser apagadas.

Ted nunca foi tão bonito, brilhante ou carismático quanto o folclore do crime o considera. Mas, como eu disse antes, a infâmia se tornou ele. Uma nulidade virtual antes de ser suspeito de uma série de crimes horríveis, ele de alguma forma se tornou todas essas coisas quando a mídia o abraçou. A passagem das décadas elevou - ou rebaixou - Ted ao nível de Leopold e Loeb, Albert DeSalvo, William Heirens,

Charles Manson e talvez uma dúzia de outros assassinos que mataram por matar.

Sempre acreditei que o tempo iria atrapalhar o interesse por Bundy, principalmente depois de sua execução. Em vez disso, ele se tornou quase mítico.

Como redator de uma revista pulp que ansiava por ser autor de um livro, eu deveria ser grato por ter tido um assento na primeira fila para o cenário monstruoso que Ted Bundy representou como, de acordo com um periódico, o “garoto glamour dos homicídios”.

Mas não estou grato. Eu preferia nunca ter tido um livro próprio, muito menos vinte e nove, e que as vítimas de Ted tivessem vivido. Seus crimes mudaram minha vida e abriram a porta para meu primeiro contrato de livro, mas como um ser humano, gostaria de poder voltar e apagá-lo e sua perseguição assassina pela América. Se eu tivesse o poder de fazer nada disso real. Às vezes, depois de tantos anos, quase parece que Ted Bundy e suas dezenas de vítimas foram apenas uma invenção da minha imaginação.

Ironicamente, a imagem de Ted que permanece sob os olhos do público quase quarenta anos depois tende a ser a do criminoso bonito e ousado. Isso é especialmente verdadeiro com mulheres jovens que hoje têm a mesma idade de suas vítimas na década de 1970.

Não deveria ficar surpresa por ainda receber cartas e e-mails de jovens de 20 anos fascinados por Ted Bundy. Trinta anos atrás, observei as garotas da Flórida que faziam fila do lado de fora do tribunal em Miami, ansiosas por conseguir um lugar no banco da galeria atrás de sua mesa de defesa.

Eles engasgaram e suspiraram de alegria quando Ted se virou para olhar para eles.

Ele gostou da reação deles. Ele estava no controle, ou acreditava estar, durante o primeiro julgamento em Miami.

Por alguma razão, e não consigo dizer por quê, recebo mais do que uma proporção média de correspondência da Itália, onde as mulheres “amam”

Ted e choram por ele. Recebi correspondência sobre ele de todos os estados da união e da França, Suécia, Holanda, Alemanha e até mesmo do Zimbábue e da China. Ele se tornou o americano Jack, o Estripador, o verdadeiro Drácula, um assassino cujo gênio superou assassinos comuns. E, sendo assim, ele é perversamente atraente para mulheres solitárias.

Talvez parte disso fosse minha culpa: eu descrevi o lado “bom” de Ted, aquele que vi nos primeiros três anos em que o conheci, muito bem? Ele parecia ser gentil, atencioso e honesto, e eu não reconheci o perigo

- não para mim, mas para mulheres bonitas que se encaixavam em seu perfil de vítima. Eu queria alertar os leitores que o mal às vezes vem em pacotes bonitos. Eu queria salvá-los dos sociopatas sádicos que ainda vagam em busca de vítimas.

Quando eu olho para trás, vejo o quão ingênuo eu fui. Eu até vejo o quão ingênuo eu continuei a ser em um sentido. Ainda quero salvar a vida das mulheres, mas só mais uma seria importante para mim.

Em 1980, eu realmente não entendia a diferença entre ser psicótico e ter um transtorno de personalidade.

Na primeira edição deste livro, escrevi que Ted deve ter ficado louco quando matou todas aquelas jovens.

Eu realmente pensei que Ted era simplesmente louco e disse que ele deveria ser enviado para um hospital psiquiátrico.

E eu estava errado. Pelo menos eu entendi que seu distúrbio de personalidade significava que ele nunca deveria ser lançado na sociedade.

Mas isso é tudo pelo que posso levar o crédito. Não estou envergonhado por ter tropeçado em meu diagnóstico. Muitos psicólogos e psiquiatras que entrevistaram Ted também o fizeram.

Ele não era louco. Ele, sem dúvida, tinha vários transtornos de personalidade - provavelmente narcisistas, limítrofes e sociopatas. Uma psicóloga, que mudou seu diagnóstico de Ted Bundy mais de uma vez, começou com o transtorno bipolar e, finalmente, estabeleceu o transtorno de personalidade múltipla.

Nunca concordei que qualquer uma das categorias fosse exata. Suas características e ações não se encaixavam - a menos que você as forçasse para os buracos errados.

Ted, eu acredito, era um sociopata sádico que sentia prazer com a dor de outro humano e o controle que ele tinha sobre suas vítimas, até o ponto de sua morte, e mesmo depois. Ele era uma criança, um adolescente, um jovem que nunca sentiu muito poder sobre sua vida. Ele escolheu um caminho horrível enquanto buscava poder e controle.

Ele era tudo o que importava para ele.

Quem sofre de um transtorno de personalidade sabe a diferença entre certo e errado - mas não importa, porque ele é especial e merece ter e fazer o que quiser. Ele é o centro do mundo. Somos todos bonecos de papel que não importam. De acordo com a lei e do ponto de vista médico,

alguém que é louco não sabe a diferença e não é responsável por seus atos, por mais chocantes que sejam.

No início, pensei que em algum momento Ted iria confessar, porque ele certamente deve ter se sentido culpado. Mas ele nunca se sentiu culpado.

Ele não tinha capacidade para se sentir culpado.

Apenas para sobreviver.

E havia algo em Ted Bundy que aterrorizava tanto algumas das mulheres que fugiram dele no último minuto. Eles “cheiraram” o perigo cedo o

suficiente para gritar, lutar ou fugir. Por anos, eles não conseguiram nem falar sobre seus encontros com ele. Eles eram de meia-idade e ele já estava morto há tempo suficiente para se tornar uma ameaça menor para eles quando finalmente me contataram.

A maioria deles tinha medo de ler *The Stranger Beside Me* porque não queriam descobrir que sua crença de que ele os abordou - os escolheu - era real. A tênue borda de sua própria mortalidade havia chegado muito perto de ceder.

Foi semelhante a estar em um terrível acidente e sair vivo, mas você não quer pensar sobre isso até colocar alguma distância entre você e o perigo.

Pedi permissão para incluir alguns desses quase-acidentes nesta atualização e me disseram que não haveria problema se eu não usasse seus nomes verdadeiros. Eu entendi aquilo.

Já passei por mais de cem incidentes enviados a mim e primeiro escolhi apenas aqueles que acreditava serem, em sua maioria, encontros verdadeiros com Ted Bundy. Mesmo

assim, tive que filtrar as lembranças assustadoras ou estaria escrevendo outro livro.

A primeira lembrança vem de uma mulher de meia-idade que é atormentada por culpa e arrependimento porque sente em seu coração que ela, e não Georgeann Hawkins, era a vítima pretendida de Ted em junho de 1974.

Pior, ela observou, paralisada de medo, enquanto ele agarrou Georgeann e a acompanhou até o carro e sua morte iminente.

Caitlyn Montgomery me escreveu várias vezes. Ela não mora mais no noroeste, mas estava fazendo cursos de enfermagem na Universidade de Washington em meados dos anos setenta. Ela morava no porão de uma pensão que ficava do outro lado do beco que Georgeann pisou em 10 de junho de 1974. Caitlyn me enviou uma fotografia sua tirada naquela época, e ela se parecia o suficiente com Stephanie Brooks \* [1] para ser uma imagem no espelho. Stephanie era a mulher a quem Ted havia proposto apenas para que ele pudesse se livrar dela como ela o havia abandonado.

“Alguém estava espiando em nossas janelas”, lembra Caitlyn, “e eu tinha visto o cara de muletas em torno de nosso quarteirão. Eu senti como se ele estivesse me seguindo. Na verdade, desci aquele beco momentos antes de Georgeann Hawkins. Estava escuro e eu estava com medo, e corri para dentro de nossa casa o mais rápido que pude e tranquei as portas atrás de mim.

“Então apaguei as luzes, olhei para o beco e vi a garota que mais tarde soube que era Georgeann no beco.”

Caitlyn ouviu um grito de surpresa ou medo. Ela observou quando o homem de muletas se aproximou de uma garota

loira, disse algumas palavras que Caitlyn não conseguiu entender e a agarrou pelo braço.

Caitlyn não tinha certeza se a garota foi por vontade própria ou não, mas sentiu medo e acreditou que ele forçou Georgeann a voltar para o beco.

“Eu deveria ter tentado ajudá-la”, escreveu ela. “Eu deveria ter ligado para alguém. Talvez a polícia. Mas eu estava com muito medo. Eu apenas assisti.

E me arrependo desde então. ... ”

Caitlyn Montgomery era exatamente o tipo de morena esbelta que Ted Bundy escolheu como vítimas uma e outra vez. Georgeann era loira. Ambos eram extremamente atraentes. Não sei se Caitlyn era a vítima original pretendida de Ted. Só ele sabia e, é claro, não está mais aqui para dizer.

Nos anos setenta, o Distrito Universitário ainda era uma área bastante circunscrita, muito parecida com a de quando terminei meu último ano, me especializando em redação, uma década antes. Havia a 45th Street, que passava de leste a oeste, passando pelo campus, e a University Way, conhecida como “The Ave”, indo para o norte e para o sul. As casas gregas se alinhavam a algumas ruas ao norte do campus, e Ted geralmente morava no lado oeste da Avenida. Quase todas as ruas ao norte e ao sul tinham um beco no meio do quarteirão.

Por minha estimativa, Ted vagou da 41st Street até a 65th, e em ambos os lados da Avenida. Não posso contar o número de mulheres que estavam no final da adolescência ou no início dos anos 70 que me falam de um belo

homem em um O Bug da Volkswagen insistiu que aceitassem uma carona com ele naquela área. Quando eles se

recusaram, ele mostrou um lampejo abrasador de raiva.

Mas alguns encontros foram mais violentos. A seguir, um e-mail que recebi em julho de 2008 (novamente, tenho permissão para imprimi-lo com o pseudônimo do autor). Estranhamente, morei um verão no mesmo prédio de apartamentos em que ela morava, embora anos antes. Os apartamentos ficavam um quarteirão a oeste e paralelos à University Way.

Audrey \* escreve:

“Eu sou um graduado da Universidade de Washington, de 53 anos, que morou nos apartamentos do Brooklyn de 1973-1977. Eu estava folheando minha recente revista UW Columns e encontrei um pequeno perfil seu, e

[que] mencionava seu livro, *The Stranger Beside Me*. ”

Audrey nunca tinha ouvido falar de mim, mas ela sabia dos crimes de Ted Bundy e de sua execução e lia histórias nos jornais locais do Meio-Oeste, para onde ela havia se mudado após a formatura. Ela decidiu ler meu livro vinte e oito anos depois de sua primeira publicação.

“Foi só quando cheguei à página 98 do seu livro que percebi o quão perto posso ter chegado de estar pessoalmente envolvido. Você menciona o endereço da rua onde Ted residia durante a época dos assassinatos na área de Seattle. Pela primeira vez, percebi que meu apartamento ficava a menos de um quarteirão de sua pensão.

“Uma noite (por volta de 1973-1974), minha colega de quarto, uma morena atraente, e eu (uma loira de cabelos compridos - dividida no meio) decidimos jantar no Horatio's. Ela tinha tirado o máximo da escola de enfermagem e nos arrumamos para comemorar. Eu tinha sido designado para

um lugar estranho de estacionamento no complexo de apartamentos, o que implicava atravessar o beco. Estava anoitecendo quando subimos as escadas do nosso terceiro andar e, quando chegamos ao beco, lembrei-me de que havia esquecido meus óculos para dirigir à noite. Eu disse a ela para ficar lá e eu voltaria para pegá-los.

"Eu fiz.

"Quando voltei para o fundo do complexo de apartamentos e virei a esquina para o beco, vi minha colega de quarto tentando se defender de um homem que a mantinha em uma forte chave de braço.

"Eu congelei e depois soltei um grito gutural que nunca fui capaz de duplicar desde então. Foi tão primitivo e ousado que, mais tarde, alguns caras a alguns quarteirões de distância nos disseram que tinham ouvido e sabiam que algo estava errado. O homem então largou meu amigo e correu em direção à 12ª

Avenida até a varanda iluminada de uma casa nos fundos. Quando ele chegou à varanda, ele se virou e olhou para nós.

"Eu nunca esquecerei aqueles olhos e aquele olhar enquanto eu viver. Na época, além de estar apavorado, não pensei por um momento que poderia ser Ted. Não sei por que não fiz isso, exceto para dizer que acredito que ainda não vi algumas histórias sobre ele na mídia.

"Nos próximos dias, foi relatado que Georgeann Hawkins havia desaparecido."

Audrey e sua colega de quarto ligaram para seus namorados na noite da tentativa de sequestro, e eles correram e os levaram para suas casas. O

noivo de Audrey era professor assistente na Universidade de Washington e ele a incentivou a denunciar. Mas ela não fez isso porque ela sentiu que nenhum crime foi realmente cometido.

“Eu era jovem e ingênuo.”

Estranhamente, durante a madrugada em que Ted foi executado em janeiro de 1989, Audrey - então morando na Califórnia - lembra-se de ter se sentado na cama de um sono profundo no exato momento em que Ted morreu.

Foi Ted quem encontrou sua adorável morena colega de quarto aparentemente sozinha no escuro?

Eu penso que sim.

Audrey me escreveu mais uma vez. Eu disse a ela que meu objetivo final era alertar as mulheres sobre o perigo e, com sorte, salvar suas vidas com alguns conselhos ou advertências que liam em meus livros.

“Outra noite”, ela escreveu, “eu tinha visto um cara me ver entrar na aula de Pilates, e ele ainda estava espreitando quando eu saí. Então voltei e chamei a polícia para me dar uma escolta policial para fora do prédio. Ele avançou antes de eles chegarem, mas é algo, mesmo aos 53 anos, eu não teria pensado em fazer até ler seu livro e perceber qual é o modus operandi com alguns desses idiotas. ”

Uma mulher chamada Marilyn escreveu uma carta para mim em 1998. Ela também morava na área metropolitana de Seattle em 1974 e estava indo para o norte na rodovia I-5 uma noite no início do verão, para uma reunião de assistentes sociais em um hospital em Northgate.

“Eu saí da rodovia uma saída antes do tempo”, ela lembrou, “e estava procurando uma maneira de voltar.

Mas tudo que encontrei foi uma placa que dizia APENAS VANCÔVER AC .

Foi então que percebi um Volkswagen Bug de cor clara atrás do meu carro.

Eu estava bastante desorientado naquele ponto e virei para o leste na 65th Street em vez de para o oeste em direção à rodovia. Continuei virando nas ruas, procurando as placas da rodovia, mas estava apenas andando em círculos. Depois disso, cheguei tão tarde para a reunião que comecei a ficar muito nervoso e as ruas ficaram cada vez mais estreitas.

“O Volkswagen ainda estava atrás de mim e eu estava com medo. O cara que dirigia não poderia estar tomando o mesmo caminho confuso em que eu estava. A última curva não tinha saída alguma - a menos que você fizesse backup. Eu encostei onde a calçada terminava em um campo de mato e parei. O cara do VW estacionou atrás de mim. ... ”

Marilyn escreveu que ela havia trancado rapidamente as portas, mas o homem - com cabelo castanho ondulado - estendeu a mão para a maçaneta da porta de qualquer maneira e olhou para ela com raiva pela janela do motorista.

“Só então, um carro cheio de alunos do ensino médio parou atrás dele. Não sei por quê, mas provavelmente salvaram minha vida. O cara zangado correu de volta para seu carro, os forçou a recuar, ele se virou e foi embora.

As crianças me levaram de volta à rodovia.

“Foi Ted Bundy. Reconheci seus olhos quando vi sua foto no Seattle Times vários meses depois. ”

Em 10 de agosto de 2007, recebi um e-mail de uma mulher de 52 anos que cresceu em Olympia, Washington, a capital de nosso estado. Ted trabalhou para o Departamento de Serviços de Emergência do Estado de Washington em Olympia por vários meses, começando na primavera de 1974.

Bettina escreveu que acreditava ter encontrado Ted Bundy duas vezes no início a meados dos anos 1970.

“Eu estava no colégio em Olympia pela primeira vez”, escreveu ela, “e decidi pular e voltar da escola para casa ao redor do Lago Capitol. Eu morava na metade de Harrison Hill, no lado oeste de Olympia. Era um dia ensolarado, eu estava na metade do caminho ao redor do lago e um VW Bug parou em minha direção.

O homem lá dentro perguntou se eu queria uma carona. (Naquela época eu usava o cabelo comprido e

repartido ao meio.) Eu disse 'claro' e entrei no carro. Minha memória visual é muito vaga porque eu era extremamente tímido, então eu realmente não olhei para ele. Apenas olhares de lado.

“De qualquer forma, eu lembro que ele tinha cabelo castanho escuro curto.

Não me lembro da cor do Bug, mas parecia que era uma cor clara. Ele me perguntou em que faculdade eu fiz, e lembro-me de me sentir lisonjeada por ele pensar que eu estava na faculdade. Respondi que não estava na faculdade e que estava no ensino médio. Ele me deixou onde eu especifiquei, e foi isso. ”

Mas o homem sabia onde Bettina morava.

A segunda vez que Bettina viu esse homem foi cerca de dezoito meses depois. “Eu já estava fora da escola, morando em uma casa alugada na

Franklin Street, no centro de Olympia. Eu ainda usava meu cabelo comprido e repartido ao meio. Era muito tarde da noite e fui acordado por uma batida na porta. A porta tinha janelas e vi o que percebi ser um policial parado na varanda. Lembro-me de ter olhado para a rua antes de abrir a porta e me pareceu estranho não ter visto um carro de polícia. Mas eu abri a porta de qualquer maneira e olhei para fora, ainda procurando o carro que não estava lá.

“Eu tinha um cachorrinho que latia loucamente durante tudo isso, mas o

'policial' disse que recebeu um relatório dos vizinhos (do outro lado da rua havia um enorme estacionamento de uma igreja - sem casas).

Ele apontou para o outro lado da rua e disse que uma garota com cabelo comprido, como a fugitiva foi descrita, foi vista entrando em minha casa.

“Eu estava com o cabelo preso em bobes e com um boné, e disse: 'Bem, eu tenho cabelo comprido, mas não sou um fugitivo - moro aqui.' Ele parecia inflexível sobre a coisa da fuga e ficava mencionando a descrição do cabelo comprido, mas meu cachorro estava enlouquecendo e eu só queria encerrar a conversa toda. Então eu disse que ele estava no lugar errado e fechei a porta. Foi isso. Nunca vi um carro da polícia ir embora. Foi estranho.”

Bettina disse que havia esquecido esses dois incidentes por anos, até que leu um artigo sobre Ted Bundy com fotos que o acompanhavam.

“'Oh meu Deus', eu disse. E me dei conta de que tinha conseguido uma carona para casa da escola com Ted Bundy. Tenho certeza de que era quem era. E me lembrei do incidente do 'policia' tarde da noite sem carro, e percebi que era ele também. Ele deve ter estado me observando.

“Aconteceu há tanto tempo que não me abalo muito, mas pensar como as coisas poderiam ter sido diferentes - se eu não tivesse enrolado o cabelo em bobes ou meu cachorro não estivesse latindo e tendo um ataque - eu poderia ser um dos nomes da 'lista'. ”

Os e-mails de mulheres que viveram em Washington na década de 1970

continuam chegando, e espero receber mais depois que esta versão atualizada de *The Stranger Beside Me* for lançada. Algumas mulheres se

enganarão ao identificar Bundy como o homem que as assustou.

Geralmente, consigo eliminá-los pelas datas e locais que fornecem. Alguns vêm de mulheres com imaginação hiperativa. Geralmente também consigo identificá-los. Mas muitos deles serão avistamentos reais.

Uma que considero autêntica é a lembrança de uma mulher que era estudante universitária em Salt Lake City em 1974. Ted mudou-se para lá de Seattle naquele outono para estudar direito na cidade mórmon.

Teresa morava em uma grande casa alugada com várias outras alunas, um arranjo de vida muito semelhante à casa que Lynda Ann Healey dividia com suas amigas mistas perto da Universidade de Washington antes de desaparecer em janeiro daquele ano.

“Tivemos um voyeur - um vidente de janela - naquele outono”, disse Teresa.

“No início, tínhamos apenas a sensação de que alguém estava nos observando, e então o vimos do lado de fora da janela do andar de baixo.

Encontramos sinais de que alguém tinha ficado na garagem, pelo menos por algum tempo. ”

Quando Teresa e suas colegas de casa finalmente deram uma boa olhada no homem que as observava, meio escondido por arbustos, no escuro lá fora, todas memorizaram suas características faciais.

“A polícia não conseguiu encontrar nada que pudesse identificá-lo”, ela lembrou. “Eles nos disseram para sermos muito cuidadosos ao trancar, e nós tínhamos. Mas quando ficou mais frio em novembro, ouvimos sons vindos do porão. O pior foi na manhã em que descobrimos que alguém havia defecado bem do lado de fora da janela onde o cara estava nos observando.

Mas ele foi embora e nunca mais voltou. ”

Quando Ted Bundy foi preso pelos detetives do Condado de Salt Lake no verão de 1975, sua foto estava nos jornais de Salt Lake City a Seattle.

Teresa e seus amigos reconheceram seu rosto. Ele era o homem que tinham visto na janela, que havia deixado latas vazias de atum no porão, que provavelmente defecou no quintal.

Ao longo dos anos, recebi muitas cartas e e-mails de Utah. Também tive outras comunicações de áreas muito mais distantes. Dado o fato de que Ted Bundy viajou com

frequência para a América e o Canadá, algumas memórias que permanecem depois de três décadas ou mais podem muito bem ser verdadeiras, não importa de onde venham. Sabemos que Ted visitou a Nova Inglaterra, Pensilvânia, Michigan, Chicago, toda a costa leste, Oregon, Califórnia, Idaho, Colorado, Utah, Geórgia e muito mais. Às vezes, ele viajava como parte de sua lealdade ao Partido Republicano. Às vezes, ele tinha seus próprios motivos.

Nunca descarto correspondência simplesmente porque vem do outro lado do país, porque sei que Ted Bundy pode muito bem ter estado lá uma vez ou outra.

Uma mulher chamada Siobhan me enviou um e-mail em abril de 2007. O

conteúdo era muito parecido com a maior parte do “Bundy Sighting” que recebi, mas Siobhan mora em Nova Jersey.

“Nos anos setenta, eu tinha dezesseis”, escreveu ela. “Eu morava em Linden, New Jersey. Eu costumava pegar o ônibus número 44 da Rota 1

para a Wood Avenue. Eu trabalhava para uma locadora de roupas de casamento. Só depois de ler seu livro é que sei que cavalguei com Ted Bundy. Estava chovendo torrencialmente, meu guarda-chuva virou do avesso e eu estava encharcado. O sinal estava vermelho e um VW dourado parou e [o motorista] baixou a janela. Sentado ali estava um homem bonito e bem vestido.

Ele me disse: 'Venha, entre! Você está encharcado. Tudo bem.'

“Eu estava desconfiado - não era algo que eu faria normalmente - mas estava com frio e encharcado. Por uma fração de segundo, eu pensei, Puxa, um homem tão bom e

bem vestido. Você pensaria que ele estaria dirigindo um Lincoln ou algo assim.

“Entrei no carro e disse: 'Vire à esquerda no sinal.' Ele fez. Eu disse:

'Quando chegarmos à Wood Avenue, vire à direita.' Ao nos aproximarmos da Wood Avenue, ele virou à esquerda. Minhas entranhas estavam tremendo.

Eu sabia que este homem conhecia a área. Ele desceu para a 16th Street.

Não era uma área boa, se é que você me entende. Havia um parque onde ele parou. Assim que ele parou, cutuquei-o com meu guarda-chuva e disse 'f

— você!' e saiu bem rápido. Tive de voltar a pé até a Rota 1, em um bairro que também me apavorava. Ainda estava derramando.

“Anos depois, vi fotos de Ted Bundy. Eu sei, sem dúvida, que foi ele. Eu disse a algumas pessoas. Talvez eles acreditem em mim. Talvez eles pensem que estou maluco. Eu só queria te contar.

“Minhas filhas riem e dizem: 'Minha mãe escapou de Ted Bundy!' Mas eu realmente acredito que sim. ”

Siobhan não tem certeza se isso aconteceu em 1974 ou 1975, mas ela sabe que não foi no inverno. Ela está certa em sua crença de que fugiu de Ted Bundy? Eu não sei. Foram anos muito “ocupados” para Ted, e não consigo rastreá-lo em todas as paradas em suas viagens à Costa Leste.

Estou inclinado a adivinhar que Siobhan conheceu outra pessoa que não Ted, mas não apostaria nisso.

Outro e-mail da Costa Leste é igualmente questionável, mas possível.

Muito antes de eu conhecer Ted Bundy, ele era ativo nas causas do Partido Republicano, o que tornava um pouco mais fácil acompanhar suas atividades. Durante o verão de 1968, ele foi para Miami, Flórida, em uma viagem que ganhou por seus esforços para eleger Nelson Rockefeller. Ele também fez um curso intensivo de chinês naquele verão na Universidade de Stanford em Palo Alto, Califórnia. No outono de 1968, ele foi contratado como motorista e guarda-costas de Art Fletcher em sua candidatura a vice-governador do Estado de Washington. No início de 1969, Ted voltou para o leste novamente na tentativa de rastrear sua própria herança genética, uma viagem - como afirmei antes - que o levou a Burlington, Vermont, e à Filadélfia. Ted visitou o estado de Nova York em 1968 ou 1969? É bem possível, e teria que ser para a reunião que Bárbara acredita ter tido com ele.

“Minha irmã e eu acreditamos que conhecemos Ted Bundy na região central de Nova York no verão de 1968. Estávamos em um piquenique da empresa em um parque estadual. Éramos meninas de classe média, com cabelos longos e lisos repartidos ao meio. Ele disse que era piloto de corrida e tinha uma perna quebrada. Ele estava dirigindo um VW. Crescemos perto da pista de corridas de Watkins Glen e nossa família tinha um grande interesse em corridas de automóveis. Ele me pediu para ir buscar um pouco de comida para ele, o que teria deixado minha irmã mais nova sozinha com ele.

Recusei-me a deixá-la.

“Meu pai veio até onde estávamos e o mandou embora. Depois de nos dizer para irmos encontrar nossa mãe, meu pai trocou algumas palavras duras com ele, que meu pai se

recusou a discutir conosco. Tivemos uma longa conversa naquela noite.

“No início dos anos 80, minha irmã me ligou de seu escritório e perguntou se eu tinha visto o jornal.

Depois de comprar uma cópia, liguei de volta para ela. Nós dois o reconhecemos imediatamente. Estou me perguntando se Ted Bundy já estava se aproximando de garotas nessa época. Essa experiência realmente me tornou uma pessoa muito mais cautelosa, e minhas filhas e minha sobrinha foram criadas para ser muito mais cautelosas com estranhos

-

especialmente estranhos atraentes .

“Sempre nos questionamos sobre isso e somos gratos pela vigilância de meu pai. (Há cinco meninas na minha família. Ele deve ter se perdido!) ”

Sim, é possível - até provável - que Ted tenha passado por Watkins Glen, Nova York, a caminho de Burlington, Vermont. Mas teria sido na primavera de 1969. A memória pode nos enganar, e lembrar um ano exato quatro décadas depois é às vezes difícil.

Acho que Barbara e sua irmã, adolescentes então, provavelmente conheceram Ted Bundy.

Enquanto escrevo essas lembranças de mulheres que sobreviveram, espero que meus leitores estejam observando cuidadosamente por que o fizeram.

Eles gritaram.

Eles lutaram.

Eles bateram portas na cara de um estranho.

Eles correram.

Eles duvidaram de histórias simplistas.

Eles identificaram falhas nessas histórias.

Eles tiveram a sorte de ter alguém para protegê-los.

Há uma história verídica que ouvi em uma conferência de prevenção de estupro no Tennessee, anos atrás, e nunca a esqueci. Isso não envolveu Ted Bundy, mas poderia ter. Havia alguns detetives na conferência que prenderam um homem pelo estupro e assassinato de várias mulheres jovens, e ele se dispôs a falar com elas, finalmente confessando. Eles descreveram sua confissão:

Ele conseguiu atrair uma jovem para dentro de seu carro e, assim que a colocou dentro, pressionou uma faca contra suas costelas. "Eu disse a ela que se ela gritasse, eu a mataria ali mesmo."

Enquanto eles dirigiam em uma rodovia de quatro pistas, eles tiveram que parar em um sinal vermelho.

Uma viatura da polícia parou ao lado deles na pista da direita. Era uma noite muito quente, ainda havia luz e as janelas dos dois carros estavam abertas. A garota capturada poderia ter estendido o braço e tocado o peitoril da janela do motorista do carro da polícia, mas ela sentiu a faca cutucar seu peito com mais força e ouviu seu captor dizer: "Se você disser alguma coisa ou pedir ajuda, você é como bom como morto. ... "O

interlúdio durou menos de um minuto. A vítima ficou quieta.

"Aquele carro da polícia seguiu em frente", disse o suspeito. "Virei à esquerda, desci a estrada cerca de oitocentos

metros, virei para uma estrada e a estuprei e depois a matei.”

## PARTE DOIS

Eu não estava em Starke, Flórida, quando Ted Bundy teve seu encontro com

"Old Sparky", a cadeira elétrica na Prisão de Raiford, em 24 de janeiro de 1989. A tradição da prisão dizia que Old Sparky foi feito de um velho carvalho e construído por prisioneiros na serraria e carpintaria de Raiford em 1924. Não era infalível e às vezes queimava a carne e o cabelo dos assassinos condenados que se sentaram nele pela última vez.

Freqüentemente, mais de um choque elétrico era necessário para matá-los.

Em 1986, dezenove estados mudaram para o método de injeção letal "mais humano".

Mas o Velho Sparky tinha uma fila de espera.

Por algum motivo, não falei pessoalmente com ninguém que estava lá na câmara de execução e na galeria onde Ted morreu - não até esta semana.

Mais uma vez, posso ter evitado saber todos os detalhes dos últimos momentos de Ted.

E então, no verão de 2008, recebi um envelope de 23 por 27 centímetros do Dr. Arthur Burns, um dentista da Flórida cujo parceiro, Clark Hoshall Jr., DMD, não estava apenas presente na execução de Ted, seus joelhos estavam a um metro dos joelhos de Ted enquanto a corrente elétrica percorria seu corpo. Art Burns incluiu uma peça emocionante que Clark Hoshall havia escrito, descrevendo o que ele tinha visto,

ouvido, cheirado e experimentado naquela manhã de janeiro de 1989.

Tanto o Dr. Burns quanto o Dr. Hoshall foram fundamentais na identificação dos restos mortais de Kimberly Dianne Leach, 12 anos, a garotinha de Lake City, Flórida, que foi a última vítima de Ted Bundy.

Embora fosse a assinatura de Burns no formulário de identificação oficial, foi Hoshall quem abriu a pequena caixa de madeira contendo o crânio e a mandíbula de Kimberly.

Peter Lipkovic, o legista do Quarto Circuito Judicial da Flórida, pediu a Hoshall que usasse sua habilidade como dentista forense para nos contar a verdade. Com a identificação anatômica, componentes

esquelético-dentais e raios-X, Hoshall seria capaz de dizer com certeza se o tamanho, a localização e até os dentes de leite combinavam com o tratamento dentário anterior de Kimberly Leach. Ironicamente, Kimberly teve uma nova extração pouco antes de desaparecer.

Seus pais cuidaram bem dela.

Não foi uma tarefa fácil para Clark Hoshall. Sua própria filha, Victoria, tinha a mesma idade de Kimberly Leach, e ele não conseguia parar de fazer comparações e se perguntar como a família de Kimberly poderia suportar essa tragédia.

Ken Robinson, o oficial de patrulha rodoviária da Flórida que encontrou o esqueleto de Kimberly no galpão de parição de porcos perto do Parque Estadual Suwanee, tinha sentimentos semelhantes: raiva por alguém poder fazer isso com um aluno da sétima série e um sentimento de impotência por ser tarde demais para salvá-la .

Suspeito que poucos leigos entendam os processos de luto pelos quais os policiais, especialistas forenses e promotores passam quando as vítimas que procuram vingar são as mais vulneráveis de todas: crianças.

“Fui a primeira testemunha a chegar para a execução de Theodore Robert Bundy”, escreveu Clark Hoshall, acrescentando quando conversei com ele por telefone mais tarde. “Quando cheguei, eram por volta das três da manhã. A lua tinha um halo e ocupava uma vigia no céu coberto de nuvens.

A impressionante torre de guarda próxima ao portão principal inspecionava a grama bem cuidada que cobria três áreas separadas de espirais de arame farpado. Além disso, a cerca de dez pés apresentava uma aura de impermeabilidade. ”

O restante das testemunhas oficiais apareceu por volta das 5 da manhã. O

Dr. Hoshall havia antecipado esse dia por mais de uma década.

“Profissionalmente, o caso Bundy continuará sendo o caso mais importante da minha carreira forense.”

Clark Hoshall, o policial Ken Robinson e o promotor Jerry Blair foram escolhidos para ir na primeira van à câmara de morte atarracada depois que

eles e outras testemunhas e dignitários receberam o café da manhã dos condenados.

Em outra ocasião, o cheiro de bacon e ovos, grãos, panquecas e café pode ter sido tentador, mas seus pratos foram removidos, mal tocados.

“Eu não conseguia comer”, Hoshall me disse. “Eu não tinha apetite nenhum, nem ninguém. Foi um belo gesto, mas sabendo o que viria depois ... ”

O Dr. Hoshall estava sentado ao lado de um dos psicólogos da prisão de Raiford.

“Perguntei-lhe se havia algum tratamento eficaz para pessoas como Bundy.

“Ele parou por um momento e disse: 'Apenas uma marreta entre os olhos.'”

As vans se enfileiraram, prontas para atravessar um campo gramado.

Hoshall carregava uma cruz de ouro no bolso.

Quando ele, Robinson e Blair entraram na área de visualização, eles correram para a primeira fila. Clark Hoshall escolheu a cadeira que se alinhava exatamente com o Velho Sparky. Lambris, cobertos por vidro transparente, separaram as testemunhas da câmara de morte.

“Jerry Blair estava sentado à minha esquerda e Ken Robinson, à minha direita.”

Silenciosamente, as doze cadeiras foram ocupadas, e então as pessoas entraram e se postaram ao longo das paredes claras e utilitárias da galeria.

“Guardas com 'garras de ferro' - algemas em forma de T - em cada um dos pulsos de Bundy o puxaram por uma porta atrás do Velho Sparky. Ele estava balançando a cabeça e tremendo quando foi arrastado. ”

Ted lutou todo o caminho até o Velho Sparky, mas foi derrotado.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Um estranho ao meu lado" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).